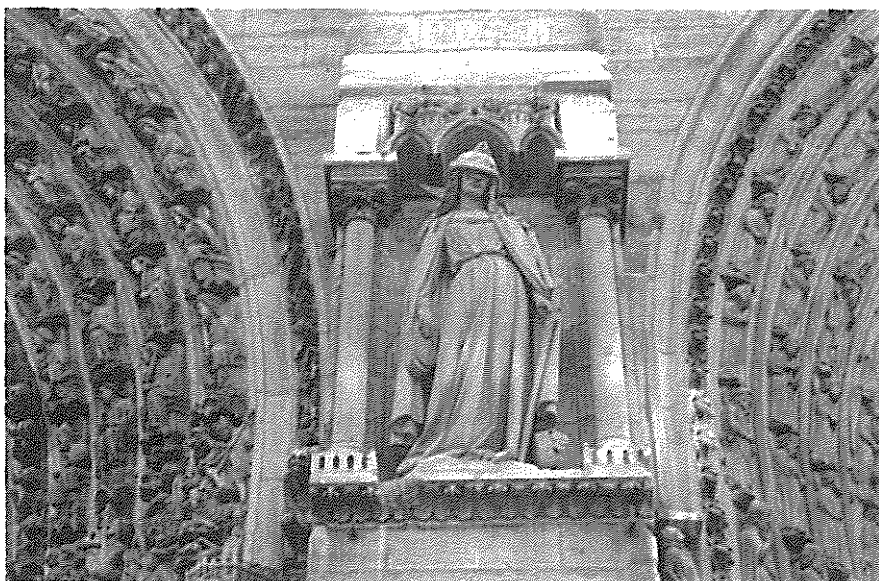


UM OUTRO OLHAR SOBRE PARIS OU ALGUMAS RAÍZES DO ANTI-SEMITISMO NO BRASIL

*Eva Alterman Blay**



“A Sinagoga”

Esta imagem encontra-se na parte externa da Catedral de Notre Dame, Paris, à direita de quem entra.

VELHAS E NOVAS HEGEMONIAS ECONÔMICAS E CULTURAIS¹

Acusa-se a globalização pela constituição de culturas homogêneas. Por trás dela está, na verdade, a acusação da hegemonia cultural norte-americana. O fenômeno não é novo, qualquer cultura se constitui absorvendo inúmeras influências, mesclando-as com as raízes locais. Basta um rápido olhar sobre o passado para desmentir a possibilidade de se constituir um sistema cultural autóctone seja na cultura ocidental ou oriental².

No caso brasileiro, de tempos em tempos despontam debates puristas sobre a música, pintura, teatro, como se o Brasil ou qualquer outro país, nação ou povo pudesse sobreviver isoladamente. Isto não significa que haja um internacionalismo que homogeneíze as diferentes culturas mas sim que, na construção da história social, são absorvidas inúmeras influências em decorrência de hegemonias econômicas, políticas e culturais.

* Universidade de São Paulo.

¹ Esta pesquisa foi realizada durante período que passei na França com bolsa de Pós Doutorado concedida pela FAPESP.

² Claro, não nos referimos a culturas indígenas isoladas.

Ao longo do tempo a história brasileira se viu vinculada a vários sistemas sócio-culturais e, nos dois últimos séculos, houve intensa influência francesa e anglo-saxônica que moldaram, em grande parte, nossos corações e mentes.

Para destrinchar o caminho desta penetração cultural examinemos nossas próprias trajetórias. Como muitos brasileiros e brasileiras de minha geração e classe social estudei em escola pública - na época considerada a melhor na década de 50 - onde aprendi a respeitar a cultura, a arte, a literatura francesa. Na escola pública até o fim dos anos 70 se estudava, no ginásio, o francês e o inglês. Aprendi a cantar a Marselhesa no original. Através da educação formal, instalava-se um filtro ideológico cultural que selecionava fatos visíveis e obscurecia outros. A relação de subordinação colonial mantida com tudo que viesse da França permitia, a nós brasileiros, estabelecer uma escala de valores que determinava nossa visão do mundo e do Brasil. A rebelião dos artistas da Semana de 1922 fora uma pálida reação ao poderoso centro econômico hegemônico francês, solidamente amparado em todos os campos da vida cotidiana: a roupa, a comida, os bens móveis e imóveis.

A dominação ideológico-cultural é sutil e complexa. Junto à cultura francesa, aparentemente laica e racionalista, vem uma vertente católica que vai influenciar parcela preponderante do pensamento brasileiro.

Creio que descobriremos muito do que aprendemos no Brasil se olharmos, de novo, as catedrais, alguns monumentos e as próprias ruas de Paris. Sugiro um roteiro para este novo olhar.

Da carrière ao gueto

A presença judaica na França remonta possivelmente ao período romano ou, se o preferirem, à Gália. Conta-se que com a queda de Massada, no ano 73, muitos judeus fugiram do Reino de Israel e vieram se instalar em cidades do sul da França e outras partes da Europa. Os judeus já estavam há 5 séculos na região quando a recente monarquia francesa se tornou cristã com o batismo de Clovis. A medida que anexações territoriais foram sendo feitas, os judeus eram excluídos e marcados pelo uso de um disco de tecido (rouele) depois substituído por um chapéu amarelo. Estavam na França há XIII séculos quando, com Felipe o Belo (1306) e Carlos V (1394), foram obrigados a viver somente em certas ruas, trancadas à noite. Eram as "carrières", antecessoras dos guetos.

Na cidade de Cavailon, onde havia um "gueto" cuja sinagoga é atualmente um pequeno museu, pode ser vista uma chanukia, um candelabro de 8 braços, do período romano. Diz a história oral que os guetos ficavam fechados à noite para "proteger" os judeus evitando que cristãos entrassem para atacá-los.

É claro que era o inverso, os judeus ficavam presos no gueto, não podiam circular à noite para evitar eventuais encontros amorosos ou mesmo qualquer contato não controlado pelas autoridades locais.

A situação era diferente em Avignon quando lá se instalou a sede do papado contrário a Roma. Tinham proteção e liberdade de circulação e, em troca, custeavam os gastos militares do considerado antipapa.

Em praticamente todas as cidades francesas são encontradas as "Rua dos Judeus", indicativas da restrição imposta à moradia que, com algumas exceções, duraram até 1790 quando os judeus foram emancipados.

A didática da exclusão

Vários mecanismos foram usados para ensinar aos cristãos porque os judeus deveriam ser excluídos. Visitando as monumentais catedrais se tem uma noção da didática do anti-semitismo medieval e renascentista. Ali estão os símbolos da vitória da Igreja e a derrota da Sinagoga. Os crentes eram e são recebidos à porta por esculturas na forma de mulheres, uma altiva, portando as tábuas da lei, a coroa e o cetro, simboliza a "Igreja vencedora"; a outra, de cabeça baixa, tem os olhos vendados, simbolizando a cegueira pois não veem a verdade do cristianismo, tem nas mãos as tábuas da lei quebradas e colocadas de cabeça para baixo, sem coroa ou cetro, são a representação da "Sinagoga", vencida.

A mais agressiva didática visual está nas gárgulas, figuras de pedra que envolvem as calhas das igrejas, na forma de porcas ou porcos, mantendo relações sexuais com seres humanos, os judeus (Raphael F. e Weyl, R.1977).

Era a excelência da forma didática para ensinar a "verdade" cristã aos fiéis de todas as idades que freqüentavam a missa. O quadro se completava com os trípticos e pinturas onde o inferno era representado com figuras de chifre e rabo, o diabo associado aos judeus.

A mídia da época - a iconografia eclesiástica - desempenhara seu papel ao veicular uma imagem do judeu herege, dissoluto, ligado ao inferno. Considere-se que por pelo menos 5 séculos estas representações eram as únicas formas a ensinar os "verdadeiros" valores.

No entanto, em todas estas regiões, os judeus se consideravam absolutamente franceses e muitos tinham se convertido ao catolicismo.

Do gueto ao Marais

Muitos judeus, graças às atividades econômicas de produção e de comércio, já viviam fora das *carrières* quando veio a emancipação em 1790. Algumas famílias estavam instaladas em Nancy, Estrasburgo e Paris. São sobretudo estes segmentos que a partir do século XIX passaram a se auto-definir como “franceses de crença israelita”, não se reconheciam e até hoje não se dizem judeus. Ao assim se identificarem tais segmentos pretendiam (e pretendem ainda hoje) acentuar a diferença entre eles, os antigos, e os imigrantes da Europa Oriental de meados do século XIX e primeiras décadas do XX. A maioria destes imigrantes veio em busca de emprego e fugindo dos pogroms. Eram judeus operários e foram predominantemente para Paris em busca das oficinas de confecção que necessitavam de força de trabalho e pagavam bem. Em Paris, como disse Mandel: “ Não foram morar no gueto, pois este foi substituído pelos bairros operários onde vivem judeus proletários”³. Foram morar no Marais.

As condições de exploração levou-os a se organizar num movimento operário judaico que foi responsável por inúmeras greves⁴. Concomitantemente criaram escolas e centros de ensino profissional. Finalmente se articularam para a criação de um movimento sindical.

O Marais foi o cenário destas lutas e nele estão hoje ainda os locais onde funcionaram sindicatos. Estão em pleno funcionamento as escolas para trabalhadores, habitações modestas e inúmeras minúsculas sinagogas.

Em todos estes imóveis estão também placas alusivas às deportações para Drancy e para Auschwitz.

Sentirem-se e agirem como franceses, participarem de guerras como a de 14, não impediu que fossem perseguidos durante a ocupação da 2ª Guerra. Sob o pretexto de coartar a expansão de Hitler pela França, o General Pétain fez um tratado com o regime nazista e instalou seu governo em Vichy. O braço nazista passou a utilizar a Polícia francesa para fazer o mesmo serviço que a SS fazia na Alemanha e em outros países dominados: a caça, espoliação dos bens e destruição dos judeus.

Marais e Bom Retiro

O charmoso Marais, em Paris, é um bairro muito visitado por turistas inclusive brasileiros. Nele está a Place de Voges e vários museus como o Carnavalet, o Hotel de Sully, o museu Picasso. Na terra dos museus, curiosamente, apenas em 1998 foi instalado um Museu Judaico⁵ não por acaso no Marais.

O Marais foi a residência da realeza no século XVII e após a revolução de 1789 foi ocupado pela “plebe”. No fim do século XIX e começo do XX ficou conhecido como um bairro judaico pois lá imigrantes judeus da Europa Oriental se instalaram em precárias habitações e inúmeras oficinas artesanais. O olhar dos franceses sobre a pobreza dos imigrantes judeus é fielmente descrita por Férenzy: “Os únicos judeus com quem aliás eu tinha tido contacto até então (1910) eram os infelizes refugiados da Rússia, da Polónia e da Rumania, que pullulam no Quarto Distrito da capital, onde eu por muito tempo morei e sua desdita, juntamente com o fiel apêgo ao seu culto, eram de molde a mos tornar sympaticos. ...Terminada a guerra vim fixar meu domicílio na Alsacia. Sabe-se que os judeus aqui são numerosos. Mas, não são os “piohentos” (sic) do bairro parisiense do Marais” (Férenzy 1939:16-17).

O Bom Retiro, em São Paulo, foi o bairro de maior concentração de judeus operários no início do século XX. Embora os judeus tivessem chegado décadas antes, e se espalhado pela cidade toda, o Bom Retiro ficou conhecido como o “bairro judeu” independentemente da enorme presença de operários italianos e de outras nacionalidades. Morar no Bom Retiro era (e é) uma marca de identidade étnica. Mais que isso é uma identificação socialmente desclassificadora o que levou as gerações seguintes a sair do bairro.

Na segunda metade do século XX o Marais foi “recuperado” e ocupado pela classe média alta.

Atualmente lá estão, em edifícios do século XVI ou XVII, antiquários, requintados ateliers de alta costura, ruas de comércio varejista ao lado de alto atacado e açougues kasher, restaurantes de comida judaica da Europa

³ Arnold Mandel.1950. apud Green,1985:7

⁴ Green,1985:111-17.

⁵ Anteriormente havia uma modesta instalação de um Museu Judaico (Musée d'Art Juif de Paris. 42 Rue des Saules.. 18ème) onde havia também uma pequena sinagoga e uma escola.

Oriental e do Oriente Médio. Várias antigas sinagogas de todos os tamanhos convivem com igrejas católicas. Escolas judaicas estão ao lado de escolas laicas e tradicionais colégios particulares.

Nas maravilhosas ruas do Marais estão marcas de anti-semitismo e morte de judeus expostas em placas, inscrições em pedra, até em lápides colocadas no meio de pequenos jardins particulares.

RUE DES ROSIERS

A Rue des Rosiers é talvez a mais conhecida do Marais judaico. Lá estão inúmeras lojas de moda ao lado de livrarias e papelarias que vendem jornais judaicos publicados em Paris, em Israel e outras partes da França e do mundo. Há casas de artigos religiosos, discos cantados por judeus do Oriente, da França, de Israel ou da Europa Oriental. Há vários restaurantes e num deles, "Joe Goldemberg", houve um sangrento atentado, com vítimas fatais, na extensão da guerra entre palestinos, árabes e israelenses.

Andando pela Rue des Rosiers se destacam, para olhos avisados, algumas pequenas placas que guardam a memória dos antigos moradores, exterminados pelo nazismo alemão e francês.

4 Bis Rue des Rosiers

Lá ainda hoje funciona a École de Travail instalada em 1852. Ao lado da porta, uma placa de pedra diz:

"À memória do Diretor do Pessoal e aos
alunos desta escola, presos em 1943 e 1944
pela Polícia de Vichy e pela Gestapo,
deportados e exterminados em Auschwitz,
porque nasceram judeus."



Na mesma Rue des Rosiers, pare ao lado da porta do nº 26, e você lerá a Placa que informa:

Aqui morou YVETTE FEUILLET. Sargento da Força Francesa do Interior, merecedora da Ordem da Resistência. Assassinada pelos Nazistas em Auschwitz aos 22 anos.

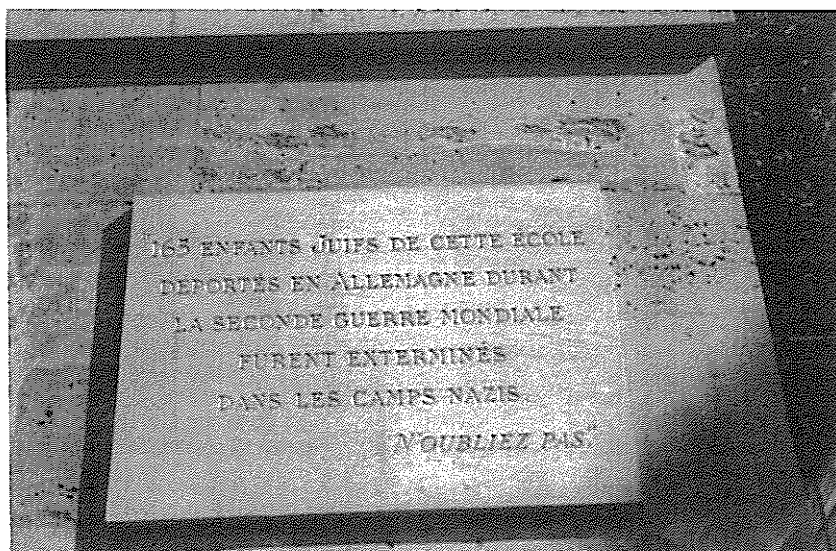
Quase vizinho, no nº 34 da Rue des Rosiers, a Placa informa:

Aqui morou LOUIS CHAPIRO, nascido em Paris no dia 28 de Março de 1915. Comandante da FTPF. Fuzilado pelos Alemães no Forte do Monte VALERIO em 30 de abril de 1944.

8/10 Rue des Hospitaliers Saint Gervais

Um pouco mais adiante, perpendicular à Rue des Rosiers, está a Rue des Hospitaliers Saint Gervais. No nº 8/10 há uma grande escola primária criada em 1844. Destinava-se a meninos israelitas. Ladeando a grande porta há duas placas de pedra: a da esquerda faz uma homenagem à bravura do seu Diretor, Joseph MIGNERET, que salvou muitas crianças da deportação insurgindo-se contra ordens superiores. Ele fez parte daqueles franceses que resistiram à convicção para eliminar os judeus da França.

Mas a placa da direita informa que 165 crianças desta mesma escola foram deportadas.



Vamos a outra rua perpendicular à Rue des Rosiers, a Rue des Écouffes. Lá, no nº 18 está a Fundação Roger Fleischman, criada em 1931 para homenagear o jovem Roger que morreu aos 19 anos. Dizem que era um tsadik, um santo. Neste local de oração se ensina às crianças a leitura da Torá. Lá moravam a Sra. Engros com seus três filhos. Todos foram fuzilados pelos nazistas lembra a placa colocada do lado esquerdo de quem entra.

Aqui viveram com sua mãe, torturada até a morte pela Gestapo, os patriotas MARCEL, LUCIEN e ANDRÉ ENGROS, fuzilados pelos ocupantes hitleristas. 10-12 Rue des Deux Ponts

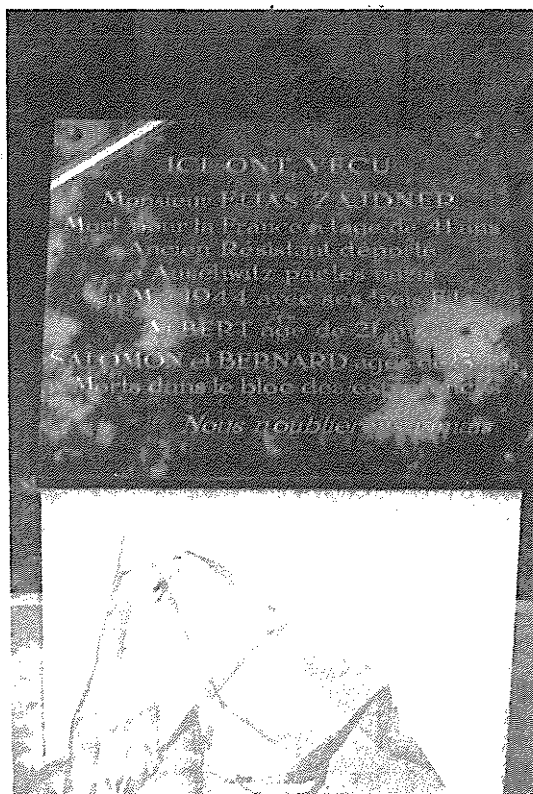
Se estivermos com vontade de espairar um pouco, procurar um lindo lugar a beira do Sena e decidir ir a pé para a Île de Saint Louis, muito próxima, nem assim se vai escapar destas tristes marcas. No 10-12 da Rue des Deux Ponts está uma discreta indicação: Fundação Fernand Halphen fundada em 1926. À direita a fatídica placa:

À memória dos 112 habitantes deste prédio, dos quais 40 eram pequenas crianças, deportados e mortos nos campos alemães em 1942.

Rue Egignard

As surpresas se sucedem. Caminhando de volta para a Rue Saint Paul, a linda rua dos antiquários, em meio a inúmeras vitrines há também estreitíssimas travessas, escondidas entradas para pátios e passagens para outras ruas. Entre elas a R. Egignard. Terá talvez uns 20 metros de comprimento. No fundo uma casa alta e um pequeno jardim no qual foi colocada a seguinte lápide:

*Aquí viveu o Senhor ELIAS ZAJDNER
Morto pela França aos 41 anos. Antigo resistente foi
deportado para Auschwitz pelos nazistas em Maio de 1944 com
seus três filhos
Albert de 21 anos
Salomon e Bernard de 15 anos mortos no setor
de experiências.
Nós jamais os esqueceremos*



Da família Zajdner restou uma filha que nunca conseguiu recuperar a casa confiscada pelo governo Vichy mas que continuou ocupada pelos governos posteriores. E levou 50 anos para obter autorização para colocar a lápide na antiga casa de seu pai. É apenas mais um dos casos em que as propriedades dos judeus foram confiscadas

pelo governo Vichy e nunca mais devolvidas(Vital-Durand.1996). As notícias sobre estas indevidas apropriações foram fartamente noticiadas pela imprensa em 1996 e, em 1999, quando algumas restituições começaram a ser feitas, se verificou que, afinal, os judeus franceses não eram os magnatas que muitos supunham.

32 Rue Buffault

Mas não é só no Marais que encontramos estas memórias. Não muito longe da Opera, numa travessa da Rue La Fayette e perto do Faubourg de Montmartre, há um alto prédio de pedra branca onde funcionava uma escola laica para meninas. No nº 32 da Rue Buffault há uma placa com a seguinte inscrição:

*Em memória
Doze mil crianças judias presas nas escolas em suas casas
e nas ruas, foram deportadas da França entre 1942 e 1944
e mortas em Auschwitz ou outros lugares.
Que seu sacrifício permaneça vivo para todos e para sempre.
1979 Ano Internacional da Criança*

Estes marcos são encontrados também em outras ruas e cidades. Citarei apenas uma, que vi em Avignon, logo ao lado da Sinagoga, no 4 Place Jerusalém:

*Aqui viveram
A Viuva Sra. Lucien Bernheim née LYON
Srta André LYON
M. Raymond LYON
Membros de antiga e honorável família de Avignon
Mortos quando deportados em 1943 e 1944*

Vítimas da barbárie nazista

O Campo de Concentração de Drancy

Afinal como foi feita uma deportação tão grande? Como foram reunidos tantas crianças, jovens, mulheres e homens adultos, velhos, todos judeus e de que modo foram eles transferidos para Auschwitz? Drancy e os outros campos de concentração franceses são a resposta.

Pelo Tratado de Cooperação Vichy x Hitler se criou na França o Commissariat General aux Questions Juives e foram instalados campos onde os judeus tinham de ficar concentrados. Bastava ser judeu, não importava se eram franceses ou de outra nacionalidade. Foram mais de 20 campos.

Autoridades tem usado a forma eufemística "campos de passagem" para se referir aos campos de concentração franceses, alegando que neles não havia fornos crematórios. No entanto, o procedimento era o seguinte: judeus franceses e judeus estrangeiros eram obrigados a deixar suas respectivas casas, e aprisionados nestes campos guardados pela polícia francesa. Havia cercas para evitar que fugissem. Perdiam todos os seus bens.

A partir destes campos eram transferidos e concentrados em um deles, o de Drancy, "Camp de Juifs"⁶ de onde saía um trem diretamente para Auschwitz.

Os comboios eram numerados e havia listas com os nomes de todos os passageiros que podem ser consultadas no livro de Klarsfeld (1978) "Memorial da Deportação dos Judeus da França de 1942 a 1944", elaborado a partir da documentação francesa e nazista. Os campos franceses eram solidários à execução dos prisioneiros muitos dos quais morriam no próprio território francês, especialmente bebês e crianças de pouca idade.

⁶ Camp d'Internement de Drancy. Documento da Prefecture de Police. Archives Nationales. Carton F9 5579. Rapport mai 1943 (document de la direction de la Police Generale). Statistiques. Effectives par categorie. Pag. 1. Effectifs par nationalité. Pag. 3. Mouvements d'Effectives au mois de mai / 1943. Divers: nombre des colis arrivés, argent reçu, visites, correspondance, censure sur correspondance.

Klarsfeld relacionou 73 comboios dos quais 59 saíram de Drancy, 8 de Pithiviers, um de Beaume-la-Rolande, um de Compiègne e um de Angers. Faltam três listas.

Dos 75.721 deportados da França retornaram apenas 1.518!

Listas por nacionalidade foram organizadas por um judeu prisioneiro do campo de Drancy, Georges Etlin. Em maio de 1943 lá havia 2.476 prisioneiros, 1.487 homens e 989 mulheres. Destes 1545 eram franceses e 931 estrangeiros. Havia desde crianças de meses até pessoas idosas. Nesta relação há dois brasileiros. Quem seriam?

Os dois brasileiros poderiam ser identificados consultando as listas originais guardadas no Carton F9 5579, nos Archives Nationales de Paris. Impossível obter autorização para consultar esta caixa. Fui informada pelo funcionário dos Archives que os documentos não estavam disponíveis - 50 anos depois! - e que nem mesmo aqueles que citei acima e que estão no Centre de Documentation Juive Contemporaine eu estaria autorizada a publicar sob pena de ser processada! Ameaçou-me e procurou me dissuadir de pedir autorização alegando que não a obteria.

O Campo de Concentração de Drancy

Drancy fica a uns 20 minutos do centro de Paris. Na Porte de Pantin, com o ônibus 151 em alguns minutos se chega ao ex-campo, hoje moradia de uma população imigrada da África do Norte e seus descendentes.

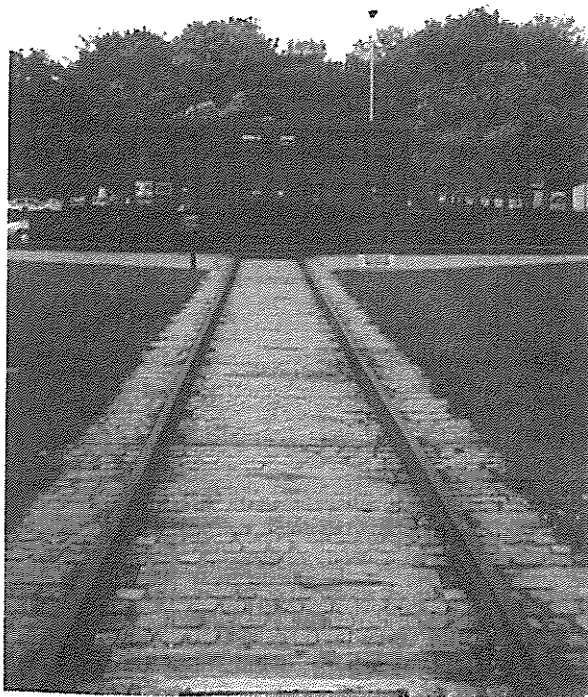
Drancy, antiga Ville de la Muette foi construída por Le Corbusier - que tanto influenciou a arquitetura brasileira dos anos 30, 40- para ser uma cidade operária modelo. Ocupava um terreno de uns 15.000 m, as edificações formavam a figura U o que foi considerado um modelo da arquitetura "concentraccionista" por historiadores e arquitetos. Explica-se: bastava colocar uma cerca e se fechava a entrada aprisionando os que lá viviam. Foi exatamente o que aconteceu no governo colaboracionista de Pétain. Arames farpados, metralhadoras e guardas franceses aprisionaram os judeus franceses e de outras nacionalidades.

Os documentos da Prefecture de Police informavam que em Drancy havia 4.500 lugares. Lá se jogaram homens, mulheres, crianças de meses, de 1, 2 anos de idade. Evidentemente não havia camas, fraldas, nem banheiros suficientes. A própria vizinhança francesa, não consciente dos fatos políticos, reclamava do tratamento dado às crianças e chegavam a escrever ao General Pétain, supondo inocentemente que ele desconhecia o que se passava no campo.

Prisioneiros tentaram fugir e recentemente foi reencontrado um túnel construído para fuga. Descoberto a tempo não pode evitar a transferência para o vagão de trem que rumava para Auschwitz.

Antigos deportados que voltaram à França organizaram uma sociedade, o Conservatoire Historique du Camp de Drancy, para conservar a memória da deplorável deportação; fazem eventos, convidam jovens estudantes para conhecer a história do antigo campo visando educa-los para a democracia.

Mesmo em 1996 não conseguiram apoio governamental para restaurar o túnel da fuga.



O vagão da deportação dos judeus a partir do Campo de Drancy

Brasil e França

A influencia da cultura francesa no Brasil foi além da Academia, impregnou a cultura erudita e a popular, usos e costumes, gostos e valores. Não é necessário analisar a musica popular brasileira, a moda, o cordel, para avaliar a penetração da cultura francesa. Além do já citado francês das escolas secundárias, as aulas no período da fundação da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo em 1934, e por alguns anos, eram dadas naquela língua. Certamente não se errará se considerarmos o predomínio cultural francês até uma década depois da Segunda Guerra Mundial. O inglês o foi progressivamente substituindo à medida em que a economia norte-americana se tornava hegemônica.

A religião católica, na versão conservadora francesa, veio junto e se somou ao catolicismo já presente no Brasil. Fortalecia-se a orientação de que os judeus deveriam ser convertidos pois representavam a negação da Igreja, de Cristo, a aliança com o mal, etc. Ordens religiosas formaram-se com a tarefa de salvação dos judeus - cuja conversão seria premiada com salvação do próprio conversor - como a de Sion cuja missão no Brasil também era a de converter os judeus.

Reconhecia-se uma "questão judaica" baseada na diferença de crença religiosa. Parcela dos católicos admitiam que, apesar das diferenças, os judeus deveriam ser defendidos de atitudes anti-semitas e parte das publicações da Bibliotheca do Pensamento Catholico, sob a direção de José Carlos de Macedo Soares, tinha este objetivo. Em volume daquela coleção, "Os Judeus e nós os Christãos" (do original "Les Juifs et nous Les Chretiens") de Oscar de Férenzy (1939), o Padre R.P. Devaux, Superior- Geral dos Padres Missionários de Nossa Senhora de Sião, diz: "A Igreja catholica sempre teve o costume de rogar pelo povo hebreu, que foi o depositario das promessas divinas até Jesus Christo, não obstante a cegueira desse povo. Além disso, ella o faz por causa dessa mesma cegueira. Obedecendo a este principio de caridade, a Sé Apostolica protegeu esse povo contra injustas oppressões e, ao mesmo tempo que reprova em geral todos os ódios e animosidades entre os povos, condemna, no mais alto grau, o odio contra o povo outro'ora escolhido por deus, odio que hoje é designado ordinariamente pelo nome de antisemitismo". (Decreto do Santo Officio de 25 de março de 1928)⁷

A cegueira dos judeus, esculpida nas imagens de pedra e mármore das Catedrais, reaparece nas expressões com que se definem os judeus. Apesar da indiscutível boa vontade de muitos, estava-se longe de se aceitar a pluralidade de crenças e valores. Era necessário um grande esforço intelectual para justificar a presença dos "diferentes". Sendo o catolicismo a religião hegemônica no Brasil do século XIX e XX estas questões se tornaram fundamentais e extrapolaram os limites da própria religião. O raio de influência dos valores cristãos atingia imensas camadas da população inclusive os próprios judeus.

Intelectuais brasileiros, como Humberto de Campos, ao defender os judeus ameaçados por Hitler, revelam a distorcida e contraditória imagem que tinham dos judeus. Campos aborda a célebre culpabilidade dos judeus que teriam vendido Cristo, ou a suposta valorização do dinheiro. Assim procura compartilhar estas culpas mostrando que são as duas faces da mesma moeda pois "tanto foi criminoso Judas, que vendeu Christo, como os sacerdotes, que o compraram;...A cupidez de Israel não existiria, pois, se não existisse a imprevidência do christão"⁸.

E já que as culpas devem ser divididas Campos expõe qual deve ser a conduta do governo brasileiro face à expulsão dos judeus da Alemanha nazista: "O Brasil devia, pois, abrir os braços a Israel, na hora em que o perseguem no Velho Mundo....Venham com os livros e com os livros de cheque. E só encontrarão irmãos, - desde, está bem visto, que não venham aumentar o numero de vendedores de moveis a prestações." E conclui: De qualquer modo, aqui fica, e bem alto, o protesto de um escriptor brasileiro contra a perigosa aventura do racismo allemão. Uma perseguição religiosa, em nossos tempos, mesmo ditada por secretas razões economicas, envergonha o século. Mas Israel vencerá. Hitler nasceu hontem. Moyses tem quatro mil annos" (Campos.1933:19).

A imagem da cupidez judaica estava instalada. Apesar dela, ou por causa dela, os judeus não deveriam ser perseguidos e seriam bem vindos ao Brasil.

Da cultura e valores franceses veio tudo, os laicos e fraternos e os anti-semitas e racistas.

Paris continua sendo uma das mais belas cidades do mundo. Continua sendo um enorme prazer andar por suas ruas, ver construções que marcaram o tempo, a beleza nos museus. A história revela um povo heterogêneo,

⁷ Devaux, L. TH. Superior Geral dos Padres Missionarios de N.S. de Sião. Prefácio in Férenzy Oscar. Os Judeus e nós Christãos. São Paulo. 1939. Companhia Editora Nacional. p.12.

⁸ Campos, Humberto." Em favor de Israel". in Marcio Campos Lima. "Os judeus na Alemanha" Flores & Mano. Rio de Janeiro 1933.p18.

há os que lutam pela liberdade e o respeito à diferença, e os que discriminam e espoliam os perseguidos. Não se pode andar ingenuamente pelas lindas ruas, continuar bebendo apenas a beleza e ignorando os que foram perseguidos e mortos seja por serem judeus ou por defenderem a liberdade. Paris vale pela resistência.

BIBLIOGRAFIA

- Arnold Mandel. 1950. *Les temps incertains*. 1950. Calman-Levy. apud apud Green, 1985
- Campos, Humberto. "Em favor de Israel". in Marcio Campos Lima. "*Os judeus na Alemanha*" Flores & Mano. Rio de Janeiro 1933. p18.
- Férenzy, Oscar de " *Os Judeus e nós os Cristãos*". Companhia Editora Nacional. 1939. Tradução de Godofredo Rangel do original *Les Juifs, et nous Chrétiens*.
- Green, Nancy. *Les travailleurs immigrés juifs à la Belle époque*. 1985. Fayard. Paris.
- Klarsfeld, Serge. 1978. "*Le Memorial de la déportation des Juifs de France*. 1942 a 1944. A ed. Em ingles é da Beate Klarsfeld Foundation. New York.
- Raphaëi, Freddy et Robert Weyl- 1977. *Juifs En Alsace*. (Culture, société, histoire). Privat Editeur. Toulouse. France
- Vital-Durand, Brigitte. 1996. *Domaine Privé*. Paris. Éditions Generales First.

Documentos e centros de documentação pesquisados:

Camp d'Internement de Drancy. Documento da Prefecture de Police. Archives Nationales. Carton F9 5579. Rapport mai 1943 (document de la direction de la Police Generale). Statistiques. Effectives par categorie. Pag. 1. Effectifs par nationalité. Pag. 3. Mouvements d'Effectives au mois de mai / 1943. Divers: nombre des colis arrivés, argent reçu, visites, correspondance, censure sur correspondance.

Centre de Documentation Juive Contemporaine. Agradeço enormemente às documentalistas Sra. Sarah MIMOUN, Karen TAÏEB, e Lior BITTOUN-SMADJA.

Conservatoire Historique du Camp de Drancy. Cité de la Muette. 15, rue Arthur Fontaine. 93700 Drancy. Agradeço a grande ajuda da historiadora brasileira que trabalha em Drancy, a Prof. Maria de Souza.

Strasbourg. Archives Municipales